

- 30512

Economia do Brasil está parada

Avaliações dos técnicos coincidem: nunca o País viveu uma fase tão prolongada de estagnação e desemprego

GUSTAVO IGREJA

O Brasil parou. E faz tempo. Em nenhum momento, nos últimos 30 anos, o País viveu uma fase de estagnação (falta de crescimento) tão prolongada para os setores produtivos voltados para o mercado doméstico. Pressionada pelos juros altos, a indústria que busca suprir o consumo interno se queixa da inércia econômica que já atravessa meia década. Segundo o coordenador da Unidade de Política Econômica da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Flávio Castelo Branco – que interpreta a conjuntura econômica para os industriais –, o País viveu até fases mais críticas nesse período, "porém muito menos prolongadas e prejudiciais à produção".

Em momentos de crise aguda (como as de 1982/83 e

1991, quando o PIB brasileiro chegou a retrair) a indústria leva um susto, queima reservas, mas, geralmente, consegue salvar capital e se recuperar mais rapidamente. "Nas crises prolongadas, mesmo nas menos graves, o produtor consome todos os recursos para tentar manter as atividades e atrair clientes. Acaba perdendo a possibilidade de crescer", afirma Castelo Branco. Desde 1998, o PIB nacional aumenta

cerca de 1,5% ao ano – índice que representa estagnação na opinião de economistas e empresários.

A produção automobilística, por exemplo, tem operado

com apenas 60% de sua capacidade de produção. Só conseguirá aumentar um pouco o número de unidades produzidas este ano por causa das exportações, que vivem boa fase

com a baixa cotação da moeda norte-americana. Muito longe do que esperava o setor em entre 1998 e 2000, quando 27 novas fábricas foram instaladas no Brasil.

Também para a construção civil é época de preocupação.

Desespero, na verdade. O presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil no DF (Sinduscon), Juvenal Batista Amaral,

garante que a atividade do setor vem caindo ininterrupta-

mente desde 2001. Só no último mês, o tombo foi de 1,8%. "A construção civil corresponde a cerca de 15% do PIB nacional. É a atividade que mais pode gerar empregos no País. Mas o descompasso entre investimento e retorno tem tirado dos empresários a chance de crescer", lamenta.

O presidente da Associação Nacional dos Comerciantes de Material de Construção (Anamaco), Cláudio Conz, reitera a crise no setor: "Embora as vendas de materiais de construção para o cidadão comum estejam aumentando, para as empresas da construção civil o momento é muito grave. A reclamação das construtoras não é exagerada".

O setor representa um segmento importante da economia e é um termômetro para a saúde da economia brasileira. Sua estagnação, assim, retrata o que ocorre no País.

"O Brasil já viveu até fases mais críticas, mas menos prolongadas e prejudiciais à produção"

Flávio Castelo Branco
coordenador de Política Econômica da CNI

INDICADORES DA PARALISIA

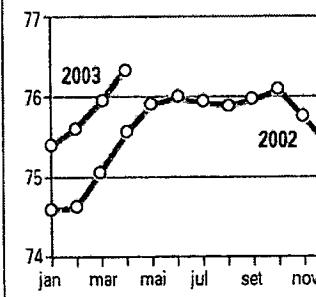
Produto Interno Bruto por setores, taxas de crescimento acumulado no ano (%)

	trim	PIB	indústria geral				serviços
			transf.	c.civil	total		
2001	I	3.88	5.43	4.68	5.33	2.22	
	II	2.98	2.97	2.33	3.01	2.35	
	III	2.15	2.26	-0.64	1.35	2.09	
	IV	1.41	0.95	-2.6	-0.31	1.86	
2002	I	-0.61	-2.53	-9.26	-4	1.75	
	II	0.21	-0.81	-7.42	-1.9	1.39	
	III	0.94	0.39	-5.25	-0.23	1.52	
	IV	1.52	1.93	-2.52	1.52	1.49	
2003	I	2.00	3.74	-1.72	2.94	0.78	

INDÚSTRIA

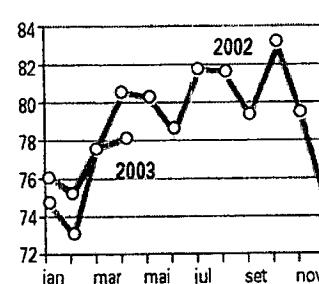
PESSOAL
EMPREGADO

Índice Base: 1992-100



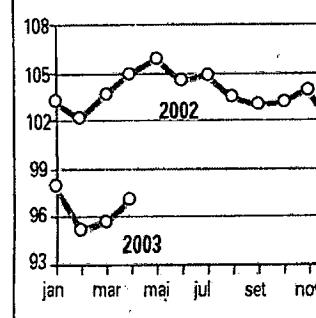
HORAS TRABALHADAS NA PRODUÇÃO

Índice Base: 1992-100



SALÁRIOS LÍQUIDOS REAIS

Índice Base: 1992-100



UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE INSTALADA

Percentual Médio

